



**Histórico da Paleontologia no Museu Nacional**  
History of Paleontology in the Museu Nacional

Antonio Carlos Sequeira Fernandes; Vera Maria Medina da Fonseca &  
Deise Dias Rêgo Henriques

*UFRJ, Museu Nacional, Departamento de Geologia e Paleontologia, Quinta da Boa Vista, São Cristóvão,  
Rio de Janeiro, RJ – 20940-040.*

*E-mails: fernande@acd.ufrj.br; vmedina@acd.ufrj.br; deiseh@acd.ufrj.br*

*Recebido em: 30/03/2007    Aprovado em: 27/07/2007*

**Resumo**

Desde sua criação em 1818 o Museu Nacional acumulou relevante material paleontológico nacional e estrangeiro, contribuindo significativamente para o conhecimento da Paleontologia brasileira. Iniciado no período das primeiras aquisições ao longo do século XIX, passando pelas atividades de coleta da Comissão Geológica do Império, e a consagração das atividades paleontológicas durante o século XX, o acervo paleontológico do Museu, abrangendo os paleoinvertebrados, paleovertebrados e os vegetais fósseis, conta hoje com mais de 56.000 exemplares. Os processos utilizados para obtenção desse acervo e as pesquisas realizadas, fazem com que a história da Paleontologia no Museu se mescle com a da própria instituição.

**Palavras-chave:** Fósseis; História da Paleontologia; Museu Nacional; Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Abstract**

The Museu Nacional founded in 1818, houses important Brazilian and foreign paleoinvertebrate, paleovertebrate and fossil plant material. This paleontological patrimony is the result of not only the first acquisitions during the 19<sup>th</sup> century, specially those made by the end of it by the Imperial Geological Commission, but also of the 20<sup>th</sup> century paleontological activities, which mixes the history of the Paleontology in the Museu Nacional with the own history of the institution

**Keywords:** Fossils; History of Paleontology; Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Desde sua criação em 6 de junho de 1818, o Museu Nacional vem se destacando como a principal instituição brasileira portadora de objetos de história natural do país e de várias localidades de outras partes do mundo. Entre suas coleções, adquiridas por diversos meios desde o século XIX, destacam-se as de fósseis, com uma boa representatividade da Paleontologia nacional e estrangeira. A história da Paleontologia no Museu, desde a chegada dos primeiros exemplares que iniciariam seu acervo, até os dias atuais pode ser dividida em cinco etapas, correspondendo às principais aquisições e atividades de pesquisa realizadas na instituição.

O período de 1818 a 1875 compreende a fase em que ocorreram as primeiras aquisições e o início das atividades de pesquisa paleontológica, encerrando-se na fase das expedições das comissões geológicas como as empreendidas pela Comissão Geológica do Império. Não são muitas as informações detalhadas sobre as primeiras atividades paleontológicas no Museu Nacional. Sabe-se, entretanto, que devido a escassez de material no Museu, foram feitos reiterados apelos aos naturalistas viajantes e presidentes de províncias (Lopes, 1997) para remeter material a então jovem instituição. Como resultado, os primeiros fósseis encaminhados ao Museu parecem corresponder ao material enviado pelo naturalista prussiano Frederick Sellow em 1826, compreendendo fósseis de mamíferos procedentes do Uruguai, hoje extraviados (Paula Couto, 1948). Outras contribuições sucederam-se em decorrência de contribuições internacionais, destacando-se o material conchiliológico fóssil e recente enviado pelo paleontólogo italiano Giovanni Michelotti em 1836 e 1837. Fósseis de vegetais, provavelmente coletados entre 1817 e 1820 por Johann Baptiste von Spix e Carl Friedrich Phillip von Martius e presentes no Museu, chamaram a atenção naturalistas viajantes estrangeiros como o exemplar de *Psaronius brasiliensis* levado ao botânico francês Adolphe Brongniart e por ele descrito em 1872 (Brongniart, 1872). Outros, como os exemplares de ictiossauros procedentes do Jurássico da Inglaterra, foram adquiridos por compra. A partir de 1847, Frederico Leopoldo César Burlamaque, então diretor geral do Museu e da 3ª Seção, tornou-se o primeiro paleontólogo da instituição, onde permaneceu até 1866, ano de seu falecimento. Com seu interesse especial pela Paleontologia foram adquiridas coleções de fósseis europeus e, do Nordeste, chegaram ossadas de mamíferos fósseis, que Burlamaque descreveu

em 1856, e ictiólitos procedentes do Crato, Ceará. A coleção de fósseis, entretanto, ainda era considerada reduzida, como assinalou Ladislau de Souza Melo Netto, em sua obra “Investigações Históricas e Científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro” (Netto, 1870).

O período após 1875 até o final do século XIX, foi marcado no Brasil pelas comissões geológicas (Leinz, 1994) e, a primeira, a Comissão Geológica do Império, dirigida por Charles Frederick Hartt, realizou excursões principalmente no Norte e Nordeste do país entre 1875 e 1877, com a coleta de grande quantidade de fósseis. Junto com Hartt, estava Orville Adelbert Derby. Além de descrever as atividades e alguns fósseis coletados pela Comissão, Derby enviou material paleontológico da Amazônia e do Nordeste aos Estados Unidos, descrito por John Mason Clarke e Charles Abiathar White, paleontólogos norte-americanos, incorporado posteriormente às coleções do Museu. Destaque também deve ser dado à contribuição de João Martins da Silva Coutinho, descobridor das camadas permo-carboníferas da Amazônia, e Domingos Soares Ferreira Penna, arqueólogo paraense, que certamente contribuíram com informações às atividades da Comissão quando de sua passagem pela região Norte. Da imensa quantidade de fósseis coletados pela Comissão Geológica do Império um número significativo ainda permanece na coleção de paleoinvertebrados do Museu, com 1.705 registros e 35.423 exemplares (Macedo *et al.*, 1999).

No início do século XX, após a saída de Derby do Museu, destacaram-se as atividades realizadas por Alberto Betim Paes Leme com contribuições sobre o carvão nacional e a descrição das exposições do Museu Nacional, que por esta época já se encontrava instalado no palácio da Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão (Paes Leme, 1924).

O período de 1940 a 1980 marcou uma nova etapa na Paleontologia do Museu, com a presença de paleontólogos agora especializados instituindo-se áreas visando os estudos de paleoinvertebrados, paleovertebrados e paleobotânica. Emmanoel Azevedo Martins estudou braquiópodes e bivalvíos, Maria Martha Barbosa os briozoários, Antonio Carlos Magalhães Macedo os ostracodes e Cândido Simões Ferreira dedicou-se principalmente ao estudo dos moluscos da Formação Pirabas, do Mioceno do Pará, enriquecendo a coleção de paleoinvertebrados com

fósseis da região; os mamíferos fósseis brasileiros foram estudados por Nei Vidal, Fausto Luiz de Souza Cunha e, principalmente, por Carlos de Paula Couto; e na paleobotânica, vegetais fósseis do estado de São Paulo foram estudados por José Henrique Millan e Diana Mussa dedicou-se ao estudo de lenhos fósseis. Ao final da década de 1950 começava também a fase de grande participação dos pesquisadores do Museu em simpósios, congressos e outros eventos da Paleontologia e na direção da Sociedade Brasileira de Paleontologia. A partir de 1970 iniciava-se a participação junto às disciplinas de Paleontologia nos programas de pós-graduação em Geologia do Instituto de Geociências e Ciências Biológicas (Zoologia e Botânica) do Museu Nacional, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A essa última etapa seguiu-se a atual com a equipe de paleontólogos que, a partir de 1980, passou a representar os três setores da Paleontologia na instituição: Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Vera Maria Medina da Fonseca, dedicando-se aos icnofósseis e paleoinvertebrados; Sergio Alex Kugland de Azevedo e Alexander Whillelm Armin Kellner aos répteis fósseis e, Deise Dias Rêgo Henriques, aos mamíferos fósseis; Marcelo de Araújo Carvalho, na paleobotânica, iniciou os estudos paleopalínológicos no departamento.

Atualmente as coleções paleontológicas do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional totalizam cerca de 18.900 registros com um número aproximado de 56.000 exemplares, distribuídos nas coleções de paleobotânica, paleoinvertebrados e paleovertebrados, incluindo nesse contexto tanto espécimens estrangeiros como brasileiros (Henriques *et al.*, 2002; Fernandes *et al.*, 2006). Muitos, além da importância científica, possuem grande valor histórico, como os fósseis de invertebrados coletados pela antiga Comissão Geológica do Império. Os processos utilizados para obtenção desse acervo, através de doações, compra, permutas e coletas, fazem com que a história da Paleontologia no Museu se mescle com a do Departamento de Geologia e Paleontologia e da própria instituição.

## Referências

- Brongniart, A. 1872. Notice sur le *Psaronius brasiliensis*. *Bulletin de la Société Botanique de France*, 19:3-10.
- Fernandes, A.C.S. ; Fonseca, V.M.M. ; Vieira, P.M. & Marino, L.M. 2006. Os fósseis estrangeiros da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, 108:1-33.
- Henriques, D.D.R.; Paz, L.M.; Almeida, E.B.; Ciscoto, V.S.; Santos, D.D. & Melo, D.J. 2002. Coleção de paleovertebrados do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional – Uma Nova Estruturação. *Arquivos do Museu Nacional*, 60(3): 229-234.
- Leinz, V. 1994. A Geologia e a Paleontologia no Brasil. In: AZEVEDO, F. (org.), *As Ciências no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, p. 275-295.
- Lopes, M.M. 1997. *O museu descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo, Hucitec. 369p.
- Macedo, A.C.M.; Fernandes, A.C.S. & Gallo-da-Silva, V. 1999. Fósseis coletados na Amazônia pela “Comissão Geológica do Império do Brasil” (1875-1877): um século de história. *Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Geologia*, 47:1-6.
- Netto, L. 1870. *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Instituto Philomatico. 310 p.
- Paes Leme, A. 1924. *Evolução da Estructura da Terra e Geologia do Brasil vistas através das collecções do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. 251 p.
- Paula Couto, C. 1948. *Sobre os vertebrados fósseis da coleção Sellow, do Uruguai*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Departamento Nacional da Produção Mineral, Divisão de Geologia e Mineralogia, Boletim nº 125, 14 p.